

Aqueles que no exterior, principalmente nos Estados Unidos, acreditam em teorias sobre a quebra do Brasil por causa do tamanho da nossa dívida externa estão vendo fantasmas, ou não fizeram uma avaliação correta da realidade brasileira. O país não está à beira da falência. Não há qualquer fato sério que possa comprovar uma suposta inviabilidade do Brasil. Uma coisa é admitir as sérias dificuldades do momento e os esforços para a renegociação da dívida. Outra, muito diferente, é imaginar que o país não tenha consistência econômica para suportar a adversidade e emergir dela ainda em situação melhor do que antes, inclusive pela experiência acumulada, que por certo não nos deixará novamente incorrer nos mesmos erros do passado, causadores da atual crise recessiva e alta inflação em que se acha mergulhada a nação.

Os profetas da catástrofe, dentro e fora do Brasil, deveriam levar em consideração que o país é ainda muito jovem, em termos de desenvolvimento econômico, e que os resultados alcançados desde que se lançou a sério na industrialização apontam muito mais a sua viabilidade do que a inviabilidade e a insolvência. O país saltou de modestas cifras econômicas para números altamente expressivos, tanto de produção interna, quanto de exportações, de Produto Interno Bruto e de uma diversificada indústria em todos os setores, de veículos a aviões, de tratores a computadores.

Esquecem-se esses críticos que houve época em que a própria comunidade financeira internacional, abarrotada de petrodólares que não havia mais onde colocar, praticamente forçou o Brasil e nações em desenvolvimento a tomar empréstimos em condições vantajosas para investimentos de longo prazo, de retorno muito

lento. O Brasil cometeu, realmente, o erro de acreditar demais nesses financiamentos tão fáceis, obtidos até por telefone e que hoje se acumulam para pagamento com juros.

É preciso também que esses críticos não se esqueçam de que todos esses investimentos a longo prazo - tipo Itaipu, Carajás, centrais atômicas e outros -, que hoje são tidos pela opinião pública como causadores de todos os males nacionais, representam, em última análise, fontes de riqueza para o país, ainda que esse dia tenha de demorar um pouco. Porém, é certo que haverá o retorno de todo esse investimento, assim como houve o retorno, no passado, de Volta Redonda, da indústria automobilística e naval, das usinas de Furnas, Três Marias, Paulo Afonso e das rodovias amazônicas, já batizadas uma vez de "estradas das onças". E os erros e imprevidências cometidas pelo país no passado realmente existem e devem servir de lição para o futuro.

Na verdade, está provada que a renegociação da dívida, que o Governo vem tentando este ano, com aval do FMI, é um bom caminho - e absolutamente necessário - mas não é tudo. O Brasil precisa vender de tudo a todo o mundo. E para isso precisa de uma ampla conscientização do próprio poder público, do empresariado e dos sindicatos de trabalhadores, dos setores políticos e de comunicação social, para que os brasileiros se compenetrem de que só pelo trabalho, pela produtividade e pela audácia no comércio exterior, será possível consolidar mercados, e abrir novas portas, a fim de colocar a nossa produção, com todo o séquito de vantagens que isto significa - mais empregos, mais salários, mais renda, mais impostos. E menos inflação e menos teorias pessimistas, pois somos um país viável. E até fácil...